

VIDA DE ENSINO

CECÍLIA MEIRELES: OS MÚLTIPLOS DEVANEIOS DA ÁGUA NO POEMA MAR ABSOLUTO

Alina Taís Dário¹

Resumo: É proposta a análise das imagens do poema Mar Absoluto, de Cecília Meireles, interpretação que se focaliza na forma de encadeamento das figuras recorrentes ligadas ao devaneio da água marítima, material que remete à morte simbólica. Serão analisadas as projeções dessas mortes no imaginário do eu-poético.

Palavras-chave: Imagens. Morte. Cecília Meireles.

Abstract: It is analyzed the images from Mar Absoluto, written by Cecília Meireles. This images reading focuses on the figure's series that occurs frequently related to the maritime reveries, which leads to the symbolic death. It is studied the projections of these deaths on self-

Keywords: Images. Death. Cecília Meireles.

O poema “Mar absoluto”, texto de apresentação da obra homônima, retrata as questões da subjetividade do eu-lírico. Questões como o desejo pela morte física, a religiosidade e o mítico, o belo, a ancestralidade, a família, a plasticidade e a fluidez são temas arraigados às mortes simbólicas em todo o texto.

As significações de morte são renovadas conforme o eu-lírico atribui a ela novos temas e outros símbolos, a maioria deles, interligados ao mar, imagens que se apresentam explícita ou implicitamente em outros poemas da obra. Além desses temas recorrentes, tanto no poema quanto no livro “Mar Absoluto”, são abordadas, também, as pequenas mortes cotidianas.

Para o eu-poético, a morte não é somente física. Estabelece-se através das pequenas perdas do dia a dia. Apesar de Bachelard (2002) comentar que a morte cotidiana não é exuberante como uma morte fatal, uma morte fulminante, Cecília Meireles, através de um eu-lírico e de vários símbolos agregados, faz dessa morte natural e constante o ponto mais belo dentro do poema e da obra “Mar Absoluto”.

E é sempre de maneira “horizontal” que essa morte estampa as imagens criadas dentro do poema e dentro do imaginário do eu-lírico e do leitor, que a partir das idéias de morte/perda constrói as diversas leituras da morte cotidiana. A água densa e escura absorve as tristezas e frustrações diárias.

A mesma água que estampa as imagens positivas do poema estampa, também, os momentos negativos. Os vários significados assumidos pela água no poema são utilizados conforme a intenção do eu-lírico e da interpretação do leitor. A água pode multiplicar as visões, renovar, purificar, espelhar ou refletir algo, ser sinônimo de metamorfoses como também pode ser densa, ser o convite para a morte, ser sofrimento e solidão.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês, pesquisadora do GEIA (Grupo de Estudos do Imaginário nas Artes)

O canto melancólico do eu-lírico flui em um processo de constante recordar. Esse ato de recordar não é inerente somente em uma perspectiva relacionada ao pretérito, ele envolve em seu fluir a projeção de imagens presentes, passadas ou envolvidas em um futuro. O poeta que assume o tom lírico em sua poesia não retrata nem futuro e nem passado, ele recorda o que submerge de seu inconsciente, desta forma há um retorno aos fatos ou sentimentos mais escondidos em sua alma, visto de longe a ação de recordar aparece em tempo presente (STAIGER, 1997)

Entretanto, essas recordações vão além das projeções imagéticas que surgem de um inconsciente melancólico, o ato de recordar para o eu-poético é a vivência dessas imagens, ou seja, é o penetrar das imagens e do tempo no eu-lírico e o seu penetrar no contexto temporal-imagético. Não existe separação, não existe distância, “a recordação lírica é uma volta ao seio materno, no sentido de que tudo ressurgue naquele estado pretérito do qual emergimos. Em si, não há na recordação tempo algum; ela se esgota no momentâneo” (STAIGER, 1997, p. 171).

Na primeira estrofe do poema “Mar Absoluto”, destaca-se o verso “como a barco esquecido”, colocando para o leitor, logo de início, a criação de imagens remetentes à tristeza e à solidão. “Foi desde sempre o mar. / E multidões passadas me empurravam / como a barco esquecido” (MEIRELES, 2001, p. 448). Nota-se que as recordações emergem do inconsciente melancólico do eu-lírico, lembranças que brotam do seu íntimo e são revividas por ele. Esse reviver induz o sujeito ao canto, ao lirismo.

A volta ao seio materno pelo lirismo de um sujeito é reafirmada no poema em análise através dos símbolos. É exatamente o que o eu-lírico deseja, se converter em matéria, retornar ao seio materno, desejo que, no caso, é representado pelo material da água marítima, simbologia que remete ao mais vasto campo significativo abordado no contexto do poema “Mar Absoluto”. O mar assume todas as projeções e idealizações do eu-poético.

O mar é colocado como o meio em que o eu-poético se insere, a vida e todas as questões a ele relacionadas. Pode-se inferir nos versos citados que as “multidões passadas” a que o eu-lírico se refere resgatam a idéia de ancestralidade ou, até mesmo, algo que marcou seus antepassados. Além da idéia de solidão e abandono inferida no verso “como a barco esquecido”, se interpreta que o eu-lírico se submete ao destino desses ancestrais.

E quando chega o fim, quando as trevas estão no coração e na alma, quando os seres amados nos deixaram e todos os sóis da alegria desertaram a terra, então o rio de ébano, inchado de sombras, pesado de desgostos e de remorsos tenebrosos, vai começar sua lenta e surda vida. Agora ele é o elemento que se lembra dos mortos (BACHELARD, 2002, p.59).

Esse mar, a vida do eu-lírico, é colocado como sombra em grande parte do poema. Água em que se depositam também imagens negativas. Um mar difícil de se enfrentar, que apresenta, conforme o destino vai sendo cumprido, obstáculos que remetem sempre a uma idéia de perda, de solidão, de morte e, até mesmo, como na citação acima, desgostos e remorsos tenebrosos para o eu poético.

Na segunda estrofe, o eu-lírico utiliza símbolos que a princípio caracterizam apetrechos (“linhos, cordas e ferros”) que se encontram no fundo do mar para prendê-lo. Esses símbolos podem ser interpretados como lembranças e fatos passados que machucam, que estão enroscados no sentimento mais profundo do eu-lírico – e assim se justifica o primeiro verso desta mesma estrofe: “revolta dos ventos”, uma revolta que clama por mudança de direção em que os ventos levem o eu-lírico para outro destino – essa

simbologia é recorrente no final do poema “Mar Absoluto” utilizando-a novamente para retratar lembranças positivas e negativas (“E recordo minha herança de cordas e âncoras”), criando um imaginário perturbado e negro com as conseqüências negativas das ações que estarão para sempre impregnadas na mente do eu-lírico, atribuindo-lhe sofrimentos e ângústias.

A água também incita as lembranças dos antepassados a submergirem do inconsciente. Essas recordações em tom melancólico resgatam a idéia de morte e destino que se direciona para o fim de uma vida. O eu-lírico traz como lembrança definida os rostos destes avós que padeceram no mar – na vida: “E o rosto dos meus avós estava caído / pelos mares do Oriente, / com corais e pérolas, / e pelos mares do Norte, duros de gelo” (MEIRELES, 2001, p. 448).

Os símbolos “corais e pérolas” pode-se interpretar como lembranças positivas e valiosas que o eu lírico traz arraigadas à imagem do rosto dos avós, como se fosse uma construção de um pequeno filme no imaginário do eu-lírico. As pérolas são símbolos de pureza, de valorização, dessas recordações.

Quando o eu-lírico menciona o norte em seus versos, ele faz referência, além de uma localização terrestre, ao céu, um norte acima. Os avós navegam em outro mar, em outro plano, em um céu. O gelo que endurece o rosto dos antepassados é uma forma de esterilização de uma imagem, dessa forma, é retomada a idéia de morte, já que essa forma estéril não produz e não tem vida. Esse endurecimento que passa as imagens através do gelo ressalta agressividade da matéria retratada pelo eu poético, uma forma que ele encontra para reafirmar o seu sofrimento, a dureza de sua solidão.

Na terceira estrofe, é apresentado o reflexo e o fundir das imagens poéticas existentes entre céu e mar. O céu é refletido no mar, suas imagens se fundem e, assim, não há distinção entre ambos. Essa imagem

refletida e fundida é presente também na quinta estrofe do poema. Desta maneira, o eu-poético apresenta uma visão particular da imagem universal, é a percepção que ele tem do ambiente e dos fatos em que está envolvido. A mistura de imagens é um cruzamento entre símbolos pelo qual o eu-lírico faz uma leitura do meio em que se encontra.

Todavia, ao mesmo tempo em que ele resgata estas lembranças, traz consigo a frieza e a dureza das recordações de quem não está mais no mesmo plano do eu-lírico. E isso causa dor no eu-poético, um sofrimento que é representado pelo desejo pela morte e quer que seu destino se cumpra ou que seja antecipado O eu-lírico tem a consciência de que um dia a sua morte ocorrerá e ele quer que ela se adiante para encurtar seu sofrimento.

Durante o poema, a idéia de morte não é apenas resgatada através das mortes ou perdas ocorridas no meio em que o eu-lírico está inserido. O eu-poético, em vários momentos, questiona sobre a sua morte e roga para que o destino que envolveu, neste caso, o mesmo de seus avós, não tarde a acontecer com ele. Observamos essa idéia no seguinte verso:

Então, é comigo que falam,
sou eu que devo ir.
Porque não há mais ninguém,
não, não haverá mais ninguém,
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos
(MEIRELES, 2001, p. 448).

Nesta estrofe, pode-se ler que o eu-lírico, além de estar ou se sentir só, obedece a seus antepassados, sua família e um destino que parece ter sido traçado a quem pertencer a esta familiaridade.

As atitudes de amar e de obedecer aos mortos podem ressaltar também as tradições e as crenças míticas passadas de geração em geração. O eu-lírico pode seguir as crenças místicas e religiosas que vem há anos o envolvendo em uma tradição, que procura

mostrar a importância pelo zelo da imagem e aos ensinamentos transmitidos por esses antepassados.

E tenho que procurar meus tios remotos afogados.
Tenho de levar-lhes redes de rezas,
campos convertidos em velas,
barcas sobrenaturais
com peixes mensageiros
e santos náuticos (MEIRELES, 2001, p. 448).

O eu-lírico, como visto anteriormente, segue uma tradição religiosa que o faz obdecer a uma ancestralidade, seguindo seus ritos e crenças místicas. Hans-George Gadamer, em **A religião**, pontua que o homem por ter a habilidade de pensar e por racionalizar os possíveis acontecimentos em sua vida sempre retoma o tema da morte em suas projeções imagéticas procurando prever o seu fim e em uma tentativa de recordar os mortos.

Isto significa que eles procuram conservá-los para além da morte — e honrar em culto aqueles que guardam na memória [...] são sempre uma surpresa os votos colocados no túmulo e dedicados ao morto. [...] Trata-se de um ato simbólico. (DERRIDA; VATIMO, 2004, p. 227)

Este ato é inerente ao homem, que procura racionalizar seu fim e o culto aos mortos. A prece, assim como as oferendas, aos mortos são atos simbólicos que remetem a uma provisão e a uma recomendação para o além da morte. Essas atitudes fazem parte de uma tradição religiosa ou mítica que vem por envolver o homem desde o princípio da humanidade, questões que estão sempre em discussão remetendo ao processo antropológico.

Elementos, figuras e ritos deste eu-poético estão agregados aos símbolos e imagens do mar e do céu. No verso “Tenho de levar-lhes redes de rezas”, o eu-lírico utiliza deste cruzamento de imagens para resgatar algo. As figuras representam o céu e

o mar, redes e rezas, uma para resgatar peixes e coisas do mar e outra para resgatar a fé e o desejo dos homens e, assim, é direcionada aos céus.

O verso seguinte tem o mesmo recurso de mistura de imagens. Os “campos convertidos em velas” são resultantes da tradição religiosa do eu-lírico, as velas são para os mortos. As “barcas sobrenaturais” levam as almas para uma última viagem, ou melhor, para a primeira e verdadeira viagem, como conclui Bachelard (2002), em **A água e os sonhos**, uma viagem que tantas vezes o eu-poético pede e que tantas vezes acontece, mas nunca é concluída. Em seu devaneio de morte, ele se torna próximo à figura do Caronte e estabelece uma relação de amizade com o mesmo.

Os “peixes mensageiros / e santos náuticos” também envolvem o cruzamento de imagens do céu e do mar e, novamente, a religiosidade do eu-lírico. Os peixes flutuam, são portadores de uma mensagem às almas, eles estão na atmosfera criada. Os santos estão no mar.

Com estas agregações e cruzamentos de imagens, o eu-lírico em seu devaneio cria um ambiente fantástico, onde idealiza a própria morte, além de resgatar as relações com a ancestralidade. Esse diálogo criado pelo seu devaneio entre as imagens é a maneira do eu-poético visualizar a própria imagem que reflete solidão e o desejo pela sua viagem:

Aqui a imagem refletida está submetida a uma idealização sistemática: a miragem corrige o real, faz caírem suas rebarbas e misérias. A água dá ao mundo assim criado uma solenidade platônica. Dá-lhe também um caráter pessoal [...] num espelho tão puro, o mundo é a minha visão (BACHELARD, 2002, p.52).

O céu se reflete no mar e as atmosferas se cruzam. Proporciona-se uma dualidade de imagens, uma mistura de

símbolos que caracterizam um devaneio fantástico, uma idealização apresentada pelo eu-lírico. Conseqüentemente, são proporcionadas ao leitor várias leituras e interpretações deste devaneio, que é o reflexo da morte dos ancestrais deste eu-poético e, também, é uma idealização e desejo de morte dele. Este reflexo é uma visão pessoal do meio e de determinados assuntos pertencentes ao eu-lírico.

Além de inferir, novamente, sobre as idéias de morte pode-se, também, observar a recorrência da idéia de solidão. O eu-lírico se apresenta solitário e o remanescente de uma família e, assim, clama que o fim aconteça, talvez por não suportar mais esta solidão, sendo que o estar solitário é apenas a provável conseqüência de uma vida agitada que não teve espaço para estreitamento dos laços familiares, caracterizando os seguintes dizeres do eu lírico: “E tenho de procurar meus tios remotos afogados. / Tenho de levar-lhes redes de rezas”.

Há mais do que a idéia de morte, há busca de inferências em torno das relações familiares. Esta carência familiar que o eu lírico demonstra é resultante de um afrouxamento de laços, como já citamos, devido à agitação das vidas envolvidas nesta familiaridade. Esta demonstração da distância entre os familiares, onde não há preocupação com seus integrantes, destrói as pontes que interligam esses relacionamentos e, conseqüentemente, há isolamento até que todos os indivíduos se tornem praticamente desconhecidos uns para os outros, ou seja, há “morte” ou afogamentos de relações.

Contudo, por que o eu-lírico se vê na obrigatoriedade de procurar por esses parentes distantes? Possivelmente por acreditar na hipótese de serem resgatados esses laços fraternais e não estar totalmente solitário. Sendo assim, ele recorre à religiosidade e ao misticismo para que consiga: “redes de rezas, [...] / Santos náuticos”.

No despertar deste devaneio, o eu-poético é arremessado à dureza da realidade:

E fico tonta,
acordada de repente nas praias tumultuosas.
E apressam-me, e não me deixam sequer mirar a
rosa-dos-ventos.
“Para adiante! Pelo mar largo!
Livrando o corpo da lição frágil da areia!
Ao mar! — Disciplina humana para a empresa da
vida! (MEIRELES, 2001, p. 448 e 449).

A nostalgia do eu lírico após o devaneio sugere uma interpretação em que o mesmo se torna incapaz de assumir rapidamente uma direção para a sua vida. O nostálgico e o movimento fazem com que o eu-poético seja comandado por uma terceira voz. A dureza aparece nestes versos através da simbologia da areia, da dualidade entre a dureza e a esterilidade que conduzem um eu passivo. Neste momento, o eu-lírico está em terra supostamente firme.

Conforme Bachelard (2001), o eu-lírico vive na areia, instituições de morte seca e, por isso, este solo não é somente sinônimo de esterilidade, mas, também, local onde o homem do mar sofre as punições mais árduas e secas que são remetentes à matéria mais estéril e vil para o eu-poético.

As mortes e as punições vivenciadas pelo eu-poético na areia são duras demais, secas demais, são torturas que ele não suportaria por muito tempo. Essa morte seca não é remetida apenas neste poema da obra “Mar Absoluto”, é resgata no poema “Caramujo do Mar”, onde o eu lírico também vive essas mortes secas. E, da mesma maneira, o sofrimento pela simbologia da areia se torna insuportável.

Entende-se que o eu-lírico é empurrado por pessoas em direção ao mar. Estas que cobram uma posição do eu lírico perante a situação vivenciada. Ele não é capaz de assumir tal posição e se deixa envolver pela voz imperativa que fala: “Para adiante! Pelo mar largo! / Livrando o corpo da lição frágil da areia!”. Uma voz que

comanda e influencia as ações deste eu poético. O comando exige que retornem ao mar, retornem à fúria e ao seio materno. Essa terceira pessoa que fala imperativamente ao eu-lírico é quem arrebatava a sua insolidéz, levando-o com ela para o mar novamente, agindo na urgência. Mesmo sem saber ao certo a direção em que está sendo levado, o eu-lírico consente e se deixa conduzir pela decisão empreendedora e, assim, arriscada da voz que impera.

E o símbolo da areia é resgatado e com esta imagem é inferida novamente a dureza das punições terrestres sofridas pelo eu poético. A lição da areia é demasiadamente rígida para este eu-, portanto, “Ao mar! — Disciplina humana para a empresa da vida!”.

Na estrofe seguinte, o eu lírico diz que seu sangue se entende com essas vozes que imperam sobre o seu destino. Pode-se inferir que o sangue resgata mais uma vez a idéia da ancestralidade, da hereditariedade, do destino que seus familiares cumpriram que ele também tem que seguir, pois o chamam. Esta partida para o mar é um símbolo que remete às questões da vida marítima, uma busca constante por desafios.

Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.

A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.

Queremos a ilusão grande do mar,
multiplicada em suas malhas de perigo
(MEIRELES, 2001, p. 449).

Novamente, aparece no poema uma imagem em que o rígido é proposto, quando comparada à imagem anterior que busca a fluidez: a monótona terra sólida e o sangue. Elas são opostas. Enquanto, para o eu lírico, a terra tem o significado de monotonia, quietude e solidão; o sangue busca o movimento, corre nas veias, assim como o mar e suas ondas. A terra não atrai o eu-lírico. Ele prefere a insegurança e a

imprevisibilidade do mar ao porto seguro da terra. Neste momento, verifica-se novamente a reincidência da idéia de que o eu-lírico deseja se envolver em uma realidade ilusória. A terra não oferece a ilusão suficiente que o mesmo procura, além de que o eu-poético já está envolvido pela beleza e movimento marítimos. E isto é o suficiente para que o homem do mar tenha vontade e coragem suficientes para desejar e necessitar desses desafios que o mar lhe proporciona.

Não é apenas o desafio que o eu-lírico procura, ele busca a solidão absoluta que só o mar consegue lhe proporcionar em quantidade suficientemente grande:

Queremos a sua solidão robusta,
uma solidão para todos os lados,
uma ausência humana que se opõe ao
mesquinho formigar do mundo,
e faz o tempo inteiriço, livre das lutas de cada
dia (MEIRELES, 2001, p. 449).

O mundo não provoca uma reação no eu-poético, ou melhor, ele não quer ser provocado pelo mundo. O desejo neste momento é estar livre das provocações do meio e da matéria para que não seja forçado a lutar. Ele não quer ser provocado para travar batalhas diárias, prefere o nostálgico e o solitário.

Nestes versos, é empregada uma forma de solidão enérgica, predominante na vida marítima. E é esta solidão que atrai o eu-lírico para o mar. Ele não quer a ilusão de não estar só que a terra oferece, isso pode ser inferido quando o eu-poético julga mesquinho o formigar do mundo. “O alento heróico do mar tem seu pólo secreto, /que os homens sentem, seduzidos e medrosos” (MEIRELES, 2001, p. 449).

O alento do mar é o que atrai os homens que sabem dos perigos que os envolvem. O homem que se arrisca no mar é portador de uma grande coragem, porém, mesmo assim, a imprevisibilidade das águas marítimas amedronta quem é seduzido e se

arrisca ao mar. “O herói do mar é um herói da morte. O primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto. Nesse sentido, se quiser entregar os vivos à morte total, à morte sem recurso, eles serão abandonados às ondas” (BACHELARD, 2002, p. 76).

O “pólo secreto” é uma realidade ilusória buscada pelo eu-poético que o utiliza como refúgio de uma verdade vivenciada. A água multiplica as visões e cria artefatos que agregam à realidade desejos platônicos.

O eu-lírico procura definir todas as características da água marítima: os perigos, a sombra, a coragem, a metamorfose, a fluidez e a força própria. A estrofe a seguir aborda a individualidade do mar em tom desejado pelo eu-poético. Esse mar é desapegado de questões entrelaçadas ao “meio”. Ele é único, solitário, dono de si e do seu destino:

O mar é só mar, desprovido de apegos,
matando-se e recuperando-se,
correndo como um touro azul por sua própria
sombra,
e arremetendo com bravura contra ninguém,
por si mesmo vencido. É o seu grande
exercício (MEIRELES, 2001, p. 449).

A décima e a décima primeira estrofe do poema vêm reforçar as idéias apresentadas anteriormente, o mar é dono de seu destino, ele está solitário e rege seus próprios movimentos. O conceito de metamorfose é apresentado pela primeira vez no poema, as águas marítimas metamorfoseiam o próprio material, o corpo. O lúdico em forma de eternidade ressalta o valor ilusório desta e de outras passagens do poema, a questão do eterno não seria necessariamente “o para sempre”, mas algo constante. É comprovado quando retornando a um verso da nona estrofe em que o mar é morte e vida em tempo constante: “matando-se e recuperando-se”, sua temporalidade é constante, ou no caso eterno para o eu-lírico, a eternidade do efêmero, do cíclico, do movimento.

Não precisa do destino fixo da terra,
ele que, ao mesmo tempo,
é o dançarino e a sua dança.
Tem um reino de metamorfose para
experiência:
seu corpo é o seu próprio jogo,
e sua eternidade lúdica
não apenas gratuita: mas perfeita
(MEIRELES, 2001, p. 449 e 450).

Na profundidade de suas águas,
encontram-se artefatos que resgatam o belo e
o suave existentes no mar. Em forma de
antítese, esta apresentação logo é contrariada
pela imagem que o mar transmite para o
meio, quem o conhece só superficialmente
não descobre as belezas existentes. A imagem
do solitário, forte e portador de uma grandeza
que o eu-lírico sempre procura ressaltar.

Baralha seus altos contrastes:
cavalo épico, anêmona suave,
entrega-se todo, despreza tudo,
sustenta no seu prodigioso ritmo
jardins, estrelas, caudas, antenas, olhos,
mas é desfolhado, cego, nu, dono apenas de
si,
da sua terminante grandeza despojada
(MEIRELES, 2001, p. 450).

Em seu devaneio, o eu-lírico
mergulha nas profundezas do mar para
relembrar coisas da profundidade extrema do
seu inconsciente. Busca as recordações mais
profundas e, quando o eu poético volta de seu
devaneio para a superfície, acontece
novamente um choque entre os contrastes da
realidade e do sonho. O que há na
profundidade deste mar é belo e suave, porém
o que a superfície marítima reflete é uma
solidão dura. A profundidade e a superfície
estão próximas, ou melhor, em um único
corpo, o mar.

Como estão próximos, numa água tranqüila, a superfície e a profundidade! Profundidade e superfície encontram-se reconciliadas. Quanto mais profunda é a água, mais claro é o espelho. [...] Profundidade e superfície pertence uma à outra, e o devaneio das águas dormente vai de uma à outra, interminavelmente. O sonhador sonha sua própria profundidade (BACHELARD, 2006, p.189).

Em várias passagens poéticas, o eu-lírico se funde ao seu devaneio, onde o mesmo é mar, recordações, realidade, sonhos metamórficos. Segundo Bachelard, quanto mais profunda a água, mais nítido é o espelho formado. Consequentemente, entende-se que com a profundidade e a escuridão da água marítima consegue-se melhor refletir o meio externo. Para ver o fundo marítimo, é necessário mergulhar. Um mergulho no desconhecido ou no esquecido pelo eu-lírico.

A água para o eu-poético é um material que multiplica as visões, as situações, que propõe a esperança, porém esta água, que neste momento é benéfica não é frágil, ainda é portadora da força que as ondas do mar possui: “Não se esquece que é água, ao desdobrar / suas visões: / água de todas as possibilidades, / mas sem fraqueza nenhuma” (MEIRELES, 2001, p. 450).

A água estampa as mortes simbólicas do eu-lírico neste poema e, também, o seu desejo pela própria morte. Nela, são depositados todos os anseios, tristezas, fomentações, frustrações, ao fim de tudo, o que se pode considerar como sombra perante uma imagem poética. Assim Bachelard (2006) reflete sobre uma água carregada de sombras, escura e que remete tanto à morte simbólica discutida quanto a morte física, desejada ou não pelo eu-poético “a água é o verdadeiro suporte material da morte”. Material a que o eu-lírico do poema se refere para criar as mais variadas imagens da morte.

O movimento instável das águas marítimas que pressupõem o cíclico, a

metamorfose e questões ligadas aos perigos oferecidos para os homens, não é o mesmo movimento marítimo onde as imagens poéticas são ligadas às mortes físicas ou simbólicas. Essas imagens sombrias aparecem agregadas às águas adormecidas. As águas dormentes também são convidativas à morte de um eu-lírico: “E assim como água fala-me. / Atira-me búzios, como lembranças de sua voz, / e estrelas eriçadas, como convite ao meu destino” (MEIRELES, 2001, p. 450).

Os búzios e as estrelas são símbolos ligados à astrologia e à previsão de um futuro, são elementos marítimos e astronômicos, o mar se utiliza desses símbolos para mostrar ao eu-lírico o seu caminho, seu destino.

O eu lírico escuta a voz vinda da água dormente, ela o convida para que cumpra seu destino, envolvendo-o em uma espécie de encantamento para atraí-lo. Esta água marítima procura explicitar o seu interesse por ele, ela o quer para fundir-se a sua matéria, não para arrastá-lo a morte. “Não me chama para que siga por cima dele, / nem por dentro de si: / mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo dom” (MEIRELES, 2001, p. 450).

O eu-poético compara a morte que lhe é proposta à morte de seus ancestrais. Não é a mesma que o mar lhe promete. Ele quer que o eu-lírico se transforme em matéria. Contudo, esse reencontro ou recordação de seus antepassados mortos faz com que o eu lírico se aproxime da morte e entenda o que realmente as águas marítimas querem dele. “O devaneio à beira da água, reencontrando os seus mortos, morre também ele, como um universo submerso” (BACHELARD, 2002, p.49). O eu-poético também morre ao encontrar os mortos e essa morte procura ocasionar-se pelo encantamento das águas marítimas. Essa morte não acontecerá em forma de “arrastamento”, e nem de maneira lenta e esperada como aconteceu com os avós. “Não me quer arrastar como meus tios outrora, / nem lentamente conduzida, / como

meus avós, de serenos olhos certos” (MEIRELES, 2001, p. 450).

O morrer do eu-lírico, envolvendo a matéria da água, é um ato constante, lento e melancólico. Sua tristeza e solidão, temas discutidos desde o início do poema, são assuntos ligados à morte materializante da água, só ela é portadora de tal melancolia. Bachelard pontua mais sobre a forma melancólica da morte simbolizada pela água:

A imaginação da infelicidade e da morte encontra na mesma matéria da água uma imagem material especialmente poderosa e natural. Assim, para certas almas, a água guarda realmente a morte em sua substância. Ela transmite um devaneio onde o horror é lento e tranqüilo (2002, p.93).

As imagens da morte produzidas, consciente ou inconscientemente, encontram na substância da água o material psicológico necessário para que os devaneios íntimos se façam infelizes, o que a água transmite é o mais melancólico, sombrio e pesado dos ambientes sonhados.

A naturalidade em questão se refere a uma morte constante, um “definhamento melancólico” (BACHELARD, 2002, p. 57). O ato de morrer através da simbologia da água é constantemente triste e solitário, onde o horror não é algo apavorante, ele não aparece em forma assustadora, aparece em várias passagens como um devaneio tranqüilo.

A melancolia sofrida pelo eu-lírico altera a sua consciência do tempo. Sobre este conceito José Guilherme Merquior em **Razão do Poema**, argumenta justamente sobre esta consciência perdida em que o eu-poético se vê desorientado em relação às perspectivas futuras, só o sofrimento lhe interessa, o presente lhe escapa e o planejar o futuro não se torna executável, “a melancolia é justamente uma alteração na estrutura da consciência-do-tempo, alteração caracterizada pela incapacidade em que se

acha o melancólico de efetuar o ato de protensão que o liga a um futuro” (1996, p. 29 e 30).

O eu-lírico é um sujeito melancólico em todo o poema, essa melancolia o torna incapaz de projetar uma vida futura no presente. Ele é totalmente convertido em seu sofrimento que é consequência do desejo pela morte que não se cumpre. O eu-poético deseja se livrar do momento presente e das projeções futuras para se converter na natureza da água marítima, ou envolvido por esta água que simboliza a morte. Essa melancolia torna o morrer do eu-lírico um ato constante e horizontal, livre de qualquer ação abrupta ou violenta nesse definhamento.

Assim, nos próximos versos, o eu-lírico é aceito pelo mar para fundir-se em uma só matéria, uma morte onde o horror não acontece abruptamente:

Aceita-me apenas convertida em sua natureza:
plástica, fluida, disponível,
igual a ele, em constante solilóquio,
sem exigências de princípio e fim,
desprendida de terra e céu (MEIRELES, 2001, p. 451).

As águas marítimas aceitam o eu-lírico convertido em sua matéria, a plasticidade e a fluidez pertencente ao mar é, também, desejada pelo eu-poético que pretende se fundir à matéria da água para cumprir o seu destino. Ele também deseja se desprender totalmente do céu e da terra para estar inteiramente disponível à solidão que o oceano lhe oferece. Esse converter o eu-lírico em matéria é um dos devaneios pertencentes ao simbolismo da água, como já postulado, “a água é um tipo de destino, [...] um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser” (BACHELARD, 2002, p. 06). A metamorfose que o eu-lírico almeja vai além da mutação física, é uma metamorfose que atinge o que há em si de subjetivo, a essência do seu ser.

A água em sua plasticidade e fluidez é considerada um material metamórfico, assume as mais variadas formas conforme o necessário, é o material que se mistura, e que é misturado ao diversos tipos de matéria. A água reflete o meio externo e, também, nesse reflexo se funde à atmosfera terrestre. Conforme o eu poético passa por transformações durante o desenvolvimento das idéias poéticas, a água não deixa de abordar os seus anseios justamente por ser um material de amplitude significativa, ela é morte, vida, tristeza, alegria, violência, dormência, pureza, densidade e tantos outros símbolos abordados nesta leitura.

Entretanto, o devaneio do eu-lírico era confuso demais para que o mesmo entendesse o que as vozes lhe falavam e qual das vozes lhe comandava. O destino que o eu-poético pensava que o pertencia não era seu, era de seus antepassados, o destino a ele reservado é outro, a voz que lhe comanda é outra.

E eu, que viera cautelosa,
por procurar gente passada,
suspeito que me enganei,
que há outras ordens, que não foram bem
ouvidas;
que outra boca falava: não somente a de
antigos mortos,
e o mar a que me mandam não é apenas este
mar (MEIRELES, 2001, p. 451).

O destino do eu poético se revela outro, o mar que era o seu destino já não o pertence, o mar dele não está ali. Nos seus sonhos noturnos, as imagens se confundem e o seu destino é a terra, a solitária terra de que tentou fugir. Seu destino não é a morte precipitada.

Não é apenas este mar que reboa nas minhas
vidraças,
mas outro, que se parece com ele

como se parecem os vultos dos sonhos
dormidos.

E entre água e estrela estudo a solidão
(MEIRELES, 2001, p. 451).

O eu-lírico reencontra suas lembranças tristes e pesadas que estão amarradas ao seu subconsciente com cordas e âncoras. As recordações de que ele é solitário, que está sozinho e é o remanescente de uma família emergem de seu inconsciente, mas o eu-lírico está ciente de que o destino que almejava não ocorrerá, o seu fim não está próximo, porém o mar levanta para ele sua face:

E recorro a minha herança de cordas e
âncoras,
e encontro tudo sobre-humano.
E este mar visível levanta para mim
uma face espantosa (MEIRELES, 2001, p.
451).

As águas marítimas tomam formas humanas, o mar levanta um rosto que é visível somente para o eu lírico. Um devaneio ousado do eu-poético:

Tocamos aqui numa extremidade do devaneio. Como o poeta ousa escrever esse devaneio extremo, é indispensável que o leitor tenha ousadia de lê-lo até uma espécie de além dos devaneios de leitor, sem reticências, sem redução, sem preocupação em “objetividade”, acrescentando inclusive, se puder, sua própria fantasia à do escritor (BACHELARD, 2006, p.197).

Esse devaneio extremo é portador de uma grande subjetividade, cabendo ao leitor definir a sua leitura e dialogá-la com a do eu-lírico do poema. A partir desse devaneio, as figuras dentro do texto poético se transformam, é a partir deste clímax que o desfecho final ocorre. Essa imagem

inesperada dentro do poema é considerada, segundo Bachelard, como um signo de um símbolo, um indicador de algo que ocorrerá com a figura simbólica em questão, o mar.

Sobre a forma de análise e leitura das imagens poéticas e seus signos, Merquior (1996) argumenta que a relação de interpretação dos mesmos e, também, assim como Bachelard (2006), é atribuído como fator primordial para o sucesso da leitura o interpretante, ou seja, o leitor, a ele pertence a habilidade de distinguir os sistemas lingüísticos e a partir de seus significados e contextos de imagens inferir sobre a mensagem poética que o eu-lírico, supostamente, quer deixar interpretar.

A análise dos símbolos poéticos é feita pela situação contextual da leitura do interpretante. Só a ele pertence o motivo e o significado dos signos, símbolos e imagens poéticas. “A função desse interpretante é exatamente [...] a traduzibilidade interna do sistema lingüístico” (MERQUIOR, 1996, p. 277). A interpretação é individual e dependente de contexto imagético.

Como é proposto por Bachelard (2006), a leitura do signo e da imagem em questão necessita de uma leitura ousada e que não se despreze nem o contexto e nem as indicações que o signo vem a apresentar. A leitura, até então feita, sugere que a face espantosa desse mar indica uma mudança das imagens retratadas no poema e esta face traz para o eu-lírico uma mensagem que não foi mencionada para o leitor. Este espanto do mar poderia ocorrer, também, quando o mesmo se conscientizasse de seu próprio destino, um destino que é equivalente ao do eu-lírico. Então, o mar retoma por um instante a sua própria vida.

A imagem do mar nestes próximos versos se separa da imagem do eu-lírico, ele está independente e isto ocorre apenas por instantes. Quando a face espantosa do mar diz para o eu lírico o que é preciso, ele

começa a morrer. Tem-se a imagem da própria morte do mar:

E retrai-se, ao dizer-me o que preciso.
E é logo uma pequena concha fervilhante,
nódoa líquida e instável,
célula azul sumindo-se
no reino de um outro mar:
ah! do Mar Absoluto (MEIRELES, 2001, p. 451).

O mar retrai-se primeiramente, logo é uma pequena concha fervilhante que se evapora, toma a dimensão de uma gota ou célula e some em outro mar. A água que representou a vida do eu lírico morre, e com a sua morte as imagens poéticas também morrem. Além de suscitar a falência do eu lírico. “A água dissolve mais completamente. Ajuda-nos a morrer totalmente” (BACHELARD, 2002, p. 94).

A água também morre, ela se dilui em outra água. É uma morte total e absoluta. Agora, aquela água em que se depositaram todos os devaneios do eu-poético falece, ela não é nada. Ela morre e mata o eu-lírico que estava em seu material. A consciência do eu-poético adquirida pela água, então, acaba, se dissolve e ele falece junto com a água que é dissolvida em outro mar:

A água fechada acolhe a morte em seu seio. A água torna a morte elementar. A água morre com o morto em sua substância. A água é então um nada substancial. Não se pode ir mais longe no desespero. Para certas almas a água é a matéria do desespero.(BACHELARD, 2002,p. 95).

O mar que o eu poético se envolveu e depositou todos os seu desejos, anseios, medos, sombras e que se converteu em sua matéria se dissolveu em outro mar. Agora não há mais nada. Nem imagens poéticas e nem um eu-lírico. Tudo acabou e a água morta levou consigo o eu poético.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A poética do Devaneio**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: Ensaio sobre a imaginação das forças. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DERRIDA, J; VATTIMO, G (org.). **A religião**. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 vls.

MERQUIOR, J. G. **Razão do poema**: Ensaio de crítica e de estética. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

STAIGER, E. **Conceitos Fundamentais da Poética**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1997.